

COOPERATIVA LIVRES: RELAÇÕES SOLIDÁRIAS NA CONSTRUÇÃO DA ECONOMIA DOS TRABALHADORES

COOPERATIVE LIVRES: SOLIDARY RELATIONS IN THE CONSTRUCTION OF THE WORKERS' ECONOMY

COOPERATIVA LIVRES: RELACIONES SOLIDARIAS EN LA CONSTRUCCIÓN DE LA ECONOMÍA DE LOS TRABAJADORES

Egeu Gómez ESTEVES¹

Guilherme Prado Almeida de SOUZA²

Vitória Felipe dos SANTOS³

Resumo: A Coop Livres é uma plataforma solidária que une consumidores, produtores e entregadores em um cotidiano de atividades que articula trabalho e política. Guiado pelos valores da autogestão, da solidariedade, e da autonomia coletiva, o grupo é movido pela vontade de construir uma sociedade igualitária, democrática e inclusiva, assim como pela necessidade de gerar trabalho e renda para seus integrantes. Este artigo apresenta a experiência da Cooperativa Livres - seu histórico, funcionamento, conquistas e desafios - recorrendo à memória do vivido pelos autores, eles mesmos cooperados, para demonstrar que a atuação da Coop Livres reforça relações de reciprocidade social e econômica. Ao organizar o consumo, a cooperativa mobiliza vínculos anteriores de afinidade política, de proximidade territorial e/ou de identidade

¹ Docente da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Campus Zona Leste. São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: egeu.esteves@unifesp.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2482-4421>

² Mestre em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC (UFABC). Santo André, São Paulo, Brasil. E-mail: prado.guilherme50@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-3005-6707>

³ Historiadora pela Universidade Católica de Santos (UNISANTOS), Campus Boqueirão. Santos, São Paulo, Brasil. E-mail: vitoriafelipe025@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0053-6093>

social que são reafirmados em um cotidiano de atividades que aproxima consumidores, agricultores e entregadores ciclistas, estabelecendo uma plataforma de relações solidárias. Ao reunir pessoas de diferentes origens, condições e situações sociais, que experimentam os processos de reprodução social típicos da economia capitalista de modo desigual, os membros da rede demonstram a possibilidade de construir uma nova sociedade a partir de uma nova economia.

Palavras-chave: Autogestão, Agroecologia, Cooperativismo de Plataforma, Economia Solidária

ESTEVES, Egeu Gómez; SOUZA, Guilherme Prado Almeida de; SANTOS, Vitória Felipe dos Cooperative Livres: solidary relations in the construction of the workers' economy. *ORG & DEMO* (Marília), v. 25, 2024. Fluxo Contínuo, e024003.

Abstract: Coop Livres is a solidarity network or platform that unites consumers, producers and deliverers in a daily activity that articulates work and politics. Guided by the values of self-management, solidarity, and collective autonomy, the group is driven by the will to build an egalitarian, democratic, and inclusive society, as well as by the need to generate work and income for its members. This article presents the experience of the Livres Cooperative - its history, operation, achievements, and challenges - based on the memory of the experience lived by the authors, themselves cooperative members, to demonstrate that the work of Coop Livres strengthens relations of social and economic reciprocity. By organizing consumption, the cooperative mobilizes previous bonds of political affinity, territorial proximity and/or social identity that are reaffirmed in a daily activity that brings consumers, farmers, and cyclist deliverers together, establishing a platform of solidarity relations. By bringing together people from different backgrounds, conditions, and social situations, who experience the processes of social reproduction typical of the capitalist economy in an unequal way, the network members demonstrate the possibility of building a new society from a new economy.

Keywords: Self-Management, Agroecology, Platform Cooperativism, Solidarity Economy.

Resumen: Coop Livres es una red o plataforma solidaria que une a consumidores, productores y repartidores en una actividad cotidiana que articula trabajo y política. Guiado por los valores de la autogestión, la solidaridad y la autonomía colectiva, el grupo está impulsado por la voluntad de construir una sociedad igualitaria, democrática e inclusiva, así como por la necesidad de generar trabajo e ingresos para sus miembros. Este artículo presenta la experiencia de la Cooperativa Livres -su historia, funcionamiento, logros y retos- basándose en la memoria de la experiencia vivida por los autores, ellos mismos cooperativistas, para demostrar que la labor de Coop Livres refuerza las relaciones de reciprocidad social y económica. Al organizar el consumo, la cooperativa moviliza vínculos previos de afinidad política, proximidad territorial y/o identidad social que se reafirman en una rutina diaria de actividades que reúne a consumidores, agricultores y repartidores ciclistas, estableciendo una plataforma de relaciones solidarias. Al reunir a personas de orígenes, condiciones sociales y situaciones diferentes, que experimentan de forma desigual los procesos de reproducción social típicos de la economía capitalista, los miembros de la red demuestran la posibilidad de construir una nueva sociedad a partir de una nueva economía.

Palabras clave: Autogestión, Agroecología, Cooperativismo de Plataforma, Economía Solidaria.

Introdução

A partir da experiência vivida como membros da Cooperativa Livres – Rede Agroecológica de Produção e Consumo vamos traçar um breve histórico de sua criação, apresentar como a cooperativa acontece no cotidiano, descrever os desafios de sua organização e, por fim, analisar algumas consequências

dessa cooperativa-rede-plataforma sobre as relações sociais e comunitárias estabelecidas a partir de sua criação como empreendimento associativo. Antes, porém, cabe aqui uma a consideração feita por Cris Andrada et al. (2020, p. 140) quando escreveram sobre sua experiência como cooperados:

A relação entre um/a pesquisador/a e seu tema de pesquisa contém sempre uma dimensão afetiva. Uma pesquisa quase sempre se inicia das experiências vividas e das inquietações delas advindas. No caso deste ensaio não se trata de uma pesquisa propriamente, pois a experiência aqui relatada não ocorreu a partir de relações fundamentadas com propósito de pesquisa. Tampouco pretendemos alterar agora, devido a este relato, o sentido dos laços e das relações vividas outrora. Nossa intenção é apenas fazer um exame reflexivo, a posteriori e por meio da memória, do fenômeno da autogestão por quem o viveu cotidianamente, no lugar de trabalhador/a cooperado/a, de sujeito do processo cooperativo.

A construção desse artigo foi artesanal, recorreremos às memórias que vivemos como membros da Coop Livres e também a relatos atuais dos nossos colegas cooperados, o que articulamos com materiais de divulgação como o folder e o site da cooperativa, além de notícias publicadas na mídia e em revistas de divulgação. Compusemos o texto como quem tece uma colcha de retalhos e tenta conformar uma imagem compreensível, no caso, uma imagem sobre a experiência da Cooperativa Livres na construção da Economia Solidária a partir da organização dos consumidores.

Mas o que é Economia Solidária? Para estabelecer o marco de nossa compreensão recorreremos à definição de Nelsa Nespolo e Egeu Esteves (2022, p. 03), quando afirmam:

Economia Social, Economia Solidária, Economia Democrática: três nomes para uma economia dos trabalhadores/as que se estabeleceu na luta pela realização do direito ao trabalho através do controle coletivo dos meios de produção. A Economia Solidária acontece devido à capacidade que a classe trabalhadora tem de se unir para enfrentar solidariamente seus desafios. Trata-se da afirmação permanente da capacidade dos trabalhadores/as criarem e administrarem seus próprios empreendimentos e de tecerem relações econômicas com propósitos solidários e distributivos. Apoiada em práticas de autonomia coletiva, autogestão e trabalho associado, ela tem sido um contraponto ético e econômico ao sistema capitalista.

Já no *site* da Livres (2021, p. 1), afirmamos que,

A Economia Solidária, para nós da Rede Livres, é uma forma de organização social, econômica e cultural de reprodução da vida, estruturada em um sistema que não tem como pressuposto a propriedade privada e as relações de exploração do trabalho do capitalismo. [...] A pergunta central para a Economia Solidária é: como vamos nos relacionar com os mercados?

Mas o que é a Coop Livres?

A Livres é uma **cooperativa** que funciona como uma **rede** de produção e consumo e também como uma **plataforma** de relações solidárias. Ao reunir consumidores, produtores e entregadores em um mesmo cotidiano de atividades, a cooperativa produz uma sociabilidade na qual se articulam trabalho, política e a dimensão lúdica da vida comunitária. Nespolo e Esteves (2022, p. 7) também descreveram a Coop Livres como uma rede solidária:

Um exemplo atual de rede solidária é Coop. Livres, uma cooperativa de plataforma criada pela união entre consumidores/as organizados, produtores/as agroecológicos, entregadores/as de bicicleta e os trabalhadores/as da 'lojinha', um entreposto comercial em Santos (SP). A cooperativa organiza comunidades de consumidores por regiões da cidade, monta listas coletivas de compras como nas antigas cooperativas de consumo, contrata e garante a produção dos/as agricultores/as agroecológicos, transporta e, por fim, monta as cestas de cada consumidor/as e entrega de bicicleta nas residências deles/as. Algo e inusitado é que, como os consumidores/as são também cooperados/as, perceberam que podiam fornecer produtos semiprocessados ou artesanais para a cooperativa, assim, diferentes tipos queijos, cervejas, geleias, tortas etc., sofisticaram a carteira de produtos e abriram novas oportunidades para todas as pessoas.

No folder (s.d.) de divulgação, a Livres se apresenta assim:

Quem somos? A Livres é uma Rede Agroecológica que organiza produtores de alimentos e da economia local, grupos de consumidores conscientes, feiras e lojas que funcionam em sistema de permutas de prestação de serviços, créditos solidários, transações monetárias, dentre outros. O objetivo é ir construindo, no aqui e agora, outra economia: sem agrotóxicos, sem atravessadores e sem exploração.

O grupo da Coop Livres é guiado pelos **valores** socialistas da autogestão e de autonomia coletiva, que colocam a solidariedade -não o lucro- no cerne da experiência singular e do modelo econômico que a experiência representa. É também movido pelo **compromisso** ecossocialista de impulsionar um modelo econômico que afirme a boa vida com a paralela regeneração da biosfera. Daniel Keppler e Guilherme Prado (2021, p. 2) afirmaram que a rede se tornou:

[...] interessante como modelo de empreendimento econômico solidário, fundamentado nos conceitos de decrescimento ou mesmo de um 'socialismo sem crescimento' e voltado a recolocar a economia sob os limites da biosfera, focando em redistribuição radical de riquezas com paralela regeneração ecológica. [...] A Rede é necessária na busca por uma bioeconomia, pois é toda voltada a abastecer necessidades dos atores e atrizes que nela se envolvem, preenchendo uma série de critérios éticos, não buscando meramente o escalar de suas atividades econômicas.

O grupo também é movido pela **vontade** coletiva de construir uma sociedade igualitária, democrática e inclusiva, na qual radicalmente caibam todas as diferenças, assim como pela **necessidade** de gerar trabalho e renda para os integrantes do grupo, especialmente a partir de sua formalização como Cooperativa. Ser orientado por valores, compromissos e vontades, para nós não se trata de uma deseconomia, mas justamente do que nos une e nos motiva, pois:

Nos propomos a fazer uma desconstrução capitalista nos nossos círculos de relações, que transformou tudo em mercadoria alienada, para que possamos resgatar relações sociais saudáveis e completas de sentido humano, entre pessoas e não entre coisas, das coisas desejamos extrair seu valor de uso, das necessidades humanas reais, na quantidade mínima e em respeito a nossa mãe terra. Parece utópico, mas é possível e a história nos mostra que podemos gerar valores novos sobre várias formas de relações sociais. (LIVRES, 2021, p. 1)

Um pouco de história

O principal antecedente da história da Livres ocorreu em uma empresa da base do Sindicato dos Químicos de Campinas e Região, foi a tragédia ecológica causada pelas operações da planta da Shell em Paulínia, no interior do estado de São Paulo. Entre 1977 e 2002 essa planta industrial, que produzia os agrotóxicos conhecidos como *drins*, expôs trabalhadores a 12 substâncias altamente perigosas à saúde e contaminou o meio ambiente da região, impactando a vida de milhares de pessoas na região (DUPRÉ; WROBLESKI, 2013). Roberto Ruiz, médico do trabalho, explica que não foi só contaminação ocupacional, mas também ambiental, no solo, na água, no rio (FETQUIM, 2017).

Arlei Medeiros (TVMOV, 2021), sindicalista, nos conta que os trabalhadores se deram conta de que aquela era uma fábrica que não poderia continuar aberta: “Essa fábrica contaminou muitos trabalhadores, contaminou o meio ambiente, e nos anos 2000 começou a luta pela reparação dos problemas, até que a gente chegou à conclusão que não tinha como manter a fábrica aberta, pois ela produzia pops, drins, produtos muito graves”.

Ele também nos explica como a opção pela agroecologia, e a consequente organização da Rede de Produtos do Bem (Rede Livres), foi uma reação à tragédia:

Nós aprendemos muito com essa luta, vimos o quanto os agrotóxicos são danosos, e os Químicos Unificados tiveram que tomar uma decisão muito importante: ‘a vida sempre deve estar acima do lucro’. [...] Nós avaliamos que, depois dessa vitória, nós tínhamos que fazer algo para ajudar, conscientizar, politizar. Então nós começamos a discutir sobre montar pontos de venda de produtos agroecológicos e orgânicos aos trabalhadores, a preço de custo, trazendo direto do campo para a cidade, e montamos a primeira loja, que foi no estacionamento do Sindicato dos Químicos Unificados [em Campinas, SP]. (MEDEIROS, TVMOV, 2021)

A reação à tragédia se reafirmou no lema **que decresça a economia envenenada do agrotóxico, para que cresça a economia agroecológica**, o que se concretiza com a organização da Rede Livres e em sua expansão para São Paulo, Porto Alegre e Santos, atuando como um empreendimento solidário.

E foi precisamente em Santos que se aprofundou como mais que um Empreendimento Econômico Solidário (EES), tornando-se uma plataforma solidária. Atualmente, a Livres Coop planeja democraticamente seu circuito solidário – desde a semente até a entrega. Dispondo de cerca de 170 consumidores conscientes com cestas semanais, quinzenais ou mensais, o projeto é um sucesso e uma prova de que há outras maneiras de se apropriar de alimentos saudáveis sem que seja através do dito 'livre mercado'. (KEPPLER; PRADO, 2021, p. 3)

Em maio de 2021 foi inaugurado, em Santos, o entreposto de produtos agroecológicos, onde também funciona a sede da cooperativa. Aberto de segunda a sábado, lá ocorre o recebimento dos produtos e a montagem das cestas, e é de onde partem os ciclos entregadores.

Figura 1: Fachada do entreposto em Santos



Fonte: Coop Livres (2022)

Da tragédia ambiental e laboral ao lema que reafirma a agroecologia em oposição ao veneno, a história da Cooperativa Livres refaz e reafirma o caminho de muitas experiências de empreendimentos da Economia Solidária, tal como nos explicou um de seus mais profícuos idealizadores, o professor Paul Singer (2003, p. 110):

A Economia Solidária se constrói nos interstícios que as crises inerentes ao capitalismo deixam desocupados. São empresas em crise “tomadas” pelos seus empregados e transformadas em cooperativas; terra deixada improdutiva que via reforma agrária é entregue a trabalhadores, que a cultivam em empreendimentos solidários; é o lixo que infesta as cidades que é reciclado por cooperativas de catadores etc. O maior desafio é motivar e resgatar a multidão deixada à margem, fazendo-a ver que sua emancipação é possível desde que se tornem os protagonistas dela.

Como a Livres acontece?

Criar um modo de produção solidário envolve, primeiro, mudar e politizar o consumo, criando circuitos econômicos de produção e consumo que vinculem, solidariamente, produtores e consumidores. Thais Mascarenhas e Juliana Gonçalves (2017, p. 18) afirmam que:

Quando o consumidor compra algo, está contribuindo para financiar a cadeia de produção-distribuição-comercialização-consumo daquele produto, gerando reflexos econômicos, ambientais e sociais, positivos ou negativos. Portanto, a escolha do que consumir pode ser entendida como um ato político.

Encadear produtores, consumidores e entregadores é tarefa difícil, e a solução, no âmbito da experiência da Coop Livres, veio com o desenvolvimento de uma metodologia, ou talvez uma tecnologia social, que à cooperativa a capacidade de autogestão da aliança entre campo e cidade, trata-se do Comboio Agroecológico, o sistema de gestão das comunidades da Livres. Para explicar o que é o comboio recorreremos ao *folder* (s.d.):

Comboio Agroecológico - nossa comunidade solidária, onde produtores e consumidores são ligados diretamente por uma aliança/compromisso onde há preferência no fornecimento de alimentos frescos, mais saudáveis e a preços entre 10% e 15% mais baixos do que o 'livre mercado' oferece, enquanto os agricultores têm rendimentos mais estáveis por isso.

Inicialmente, o comboio foi realizado por meio de longas planilhas de cálculo cujo manejo poderia acarretar em erros, o que tornou importante

programar e automatizar, o que foi possível devido à capacidade autônoma de desenvolvimento da plataforma informacional:

O Comboio Agroecológico opera de uma forma única. Utilizar ferramentas prontas disponíveis no mercado limitaria a experiência dos consumidores. Não ter um sistema automatizado inviabilizaria a escala necessária para o modelo. O desafio foi conciliar as aulas de programação, o trabalho do dia-a-dia e o desenvolvimento de um sistema próprio ao mesmo tempo em que a Rede Livres é construída. Henderson Mele, Cooperado da Livres, programador (apud KEPPLER; PRADO, 2021, p. 2)

Foi a programação do Comboio Agroecológico que levou à tomada de consciência de que a cooperativa já estava funcionando como uma cooperativa de plataforma. É necessário frisar que a plataforma solidária campo-cidade já existia antes da programação do sistema, e reconhecer que ela ganhou dinamismo com a automatização. Trebor Scholz (2016, p. 61), pioneiro no tema, nos diz que: “[...] o cooperativismo de plataforma trata de solidariedade, que faz muita falta nessa economia baseada em força de trabalho distribuída [...]. Plataformas podem ser possuídas e operadas por sindicatos inovadores, cidades e várias outras formas de cooperativas”.

[o cooperativismo de plataforma] recepciona a tecnologia, mas quer colocar o trabalho em um modelo proprietário distinto, aderindo a valores democráticos, para desestabilizar o sistema da [...] economia sob demanda que beneficia somente poucos. É nesse sentido que o cooperativismo de plataforma envolve mudança estrutural, uma mudança de propriedade. (SCHOLZ, 2016, p. 60)

Se a Coop Livres cria uma aliança entre consumidores e agricultores, é o comboio que organiza a produção a partir do consumo, registrando tanto a intenção quanto o consumo mensal de cada membro da cooperativa, organizando as listas de compras e de entregas e levantando a demanda total. A agregação da demanda possibilita planejar e garantir a produção dos agricultores e nos ajuda a conhecer melhor o perfil de consumo de cada membro e da comunidade. Pouco a pouco a produção aumenta e novos alimentos apareceram, ou seja, passam a ser produzidos e entregues pela cooperativa. Um exemplo ocorreu com a primeira safra de tomates:

A felicidade de poder entregar aos consumidores conscientes um alimento que, no mercado convencional, é um dos que carrega a maior quantidade de veneno, é imensa. É uma alegria e um alívio muito grande. Nós como cooperativa agroecológica queremos entregar vida, e não morte como o agronegócio entrega. Milena Savini- Cooperada da Livres, responsável pelo setor financeiro (apud KEPPLER; PRADO, 2021, p. 2)

O comboio também assegurou a expansão da produção dos agricultores, de acordo com Geraldo Júnior, Cooperado da Livres e agricultor (apud KEPPLER; PRADO, 2021, p. 3): “Com o crescimento da demanda dos consumidores pudemos expandir a área plantada, arrendando um terreno vizinho, o que proporcionou aumento de produção e geração de emprego e renda no campo”.

Ter garantia para ampliar a produção significa aumento real na renda dos produtores, produção maior significa mais consumidores na rede e mais entregadores trabalhando, portanto, mais pessoas vivendo, parcial ou totalmente, da economia gerada pela cooperativa. Trebor Scholz (2016, p. 56-58) argumenta que:

É verdade que trabalhadores/as precisam de proteções sólidas e alguém que realmente se importe com seu bem-estar a longo prazo. [...] Cooperativas existentes mostraram que possuem empregos mais estáveis e proteções sociais mais confiáveis que modelos extrativos tradicionais. [...] As cooperativas têm sido um importante instrumento para a construção de poder econômico para grupos marginalizados.

E o próprio comboio se desenvolveu e mudou conforme foi praticado nos primeiros dois anos de funcionamento. Se no início era importante fixar a demanda por pelo menos três meses, de modo a facilitar o planejamento das encomendas e a montagem das cestas, posteriormente a edição do perfil de consumo passou a ser feita mensalmente pelos consumidores sem afetar significativamente a demanda agregada. A entrada de um novo consumidor no comboio também foi facilitada, se antes era necessário consolidar a demanda de uma nova comunidade de consumidores, depois se tornou possível entrar a qualquer momento, já que o sistema incorpora o novo perfil de consumo na demanda agregada e gera automaticamente as listas individualizadas de entregas.

A expansão das lutas

Apesar de recente, a experiência da Coop Livres possibilitou contatos, criou demandas e diversificou atividades. A partir de muitos convites para apresentar a cooperativa e ministrar aulas sobre economia solidária, vários cooperados se engajaram em ações de divulgação e de formação. O coletivo percebeu que tinha o que dizer e tinha quem queria ouvir, que poderia socializar ideias para a construção de uma cultura solidária.

A mais constante experiência no campo da formação política é canal de *podcast* e *videocast* semanal Vozes Livres, com ele a cooperativa passou a criar conteúdo e difundir propostas, experiências e reflexões sobre a necessidade premente de uma Economia Solidária Ecológica para resistir à emergência climática. Já foram produzidos mais de 80 episódios desde abril de 2021. Na mesma linha de criação de difusão de conteúdo, também em 2021, vários cooperados se engajaram na produção de cinco números da revista Alternativas Solidárias - A Revolução Silenciosa, publicação digital e impressa que apresentou reflexões e experiências concretas da construção de outra economia. Quanto à formação em economia solidária, recentemente vários cooperados organizaram e ofereceram o curso *online* Construindo o Socialismo Autogestionário, com apoio da Fundação Rosa Luxemburgo.

Desafios do processo organizativo

Se o desafio fundamental de equacionar produtores e consumidores foi resolvido, há outros para os quais a Coop Livres ainda busca e testa soluções, os principais são: as interações na comunidade; a diversificação dos produtos; a entrega cooperada; e a construção de uma remuneração justa para todos.

Começando pelo fim, a construção de uma **remuneração justa** é sempre um dos maiores desafios para quaisquer grupos de trabalhadores em regime de autogestão. Afinal: como remunerar o trabalho quando o trabalho não é uma mercadoria? Na cooperativa há diversas situações, os agricultores são pagos pelos produtos entregues à cooperativa e os eco-ciclistas recebem por cada entrega realizada, mas quanto ao trabalho do entreposto e da gestão da cooperativa a situação é mais complexa devido à grande variedade de tarefas realizadas. A solução encontrada foi relacionar as tarefas e definir uma quantidade de Eco-horas para cada atividade, dando origem ao Eco-holerite.

Esse documento é preenchido semanalmente pelos cooperados e é essencial para o pagamento da equipe.

Outro desafio é a **diversificação dos produtos**, para o que a informatização do Comboio Agroecológico foi essencial. O sistema informacional possibilita o aumento da diversidade ao identificar alimentos que, embora já tenham o volume de sua demanda definido, ainda não são produzidos e/ou distribuídos pela Red. Essa informação é fundamental tanto para cooperados que possam e queiram produzi-los, quanto para organizar sua aquisição por meio das parcerias estabelecidas com cooperativas da Economia Solidária e da Reforma Agrária, tais como a Coopernatural, a COOPEG e a Terra Viva.

A **entrega cooperada** realizada pelos eco-ciclistas é parte essencial do projeto da Coop Livres, e também um grande desafio ético e organizativo, pois é quando a cooperativa chega na casa do cooperado. A entrega, além de ser a etapa final da cadeia iniciada na produção dos alimentos, para muitos cooperados é o momento mais sensível de sua relação com a cooperativa, e entendemos que um encadeamento que inicia solidário precisa terminar solidário.

O crescimento da Coop Livres e o aumento da demanda acarreta no aumento do número de entregas realizadas semanalmente em Santos e São Vicente, fazendo com que a autogestão da equipe de eco-ciclistas passe por mudanças, como Lucas Gonçalves, cooperado eco-ciclista (apud KEPLER; PRADO, 2021, p. 3), explica:

No início da Livres, o método de trabalho consistia em preparar as rotas de entrega logo após a montagem das cestas de consumo, no próprio dia a da logística de entrega. Mas com mais entregas por fazer, foi necessário reorganizar esse método, e atualmente preparamos as rotas com antecedência. Dessa forma, os eco-ciclistas conseguem se organizar previamente e se dividem melhor nos dias de operação, para

que todos na equipe façam uma quantidade parecida de entregas e, assim, serem remunerados também de forma parecida.

Por fim, as **interações na comunidade** de membros da Coop Livres também são um importante desafio, visto que incentivam relações de reciprocidade dentro da cooperativa, como demonstram os exemplos ambientais, comerciais e lúdicos que apresentamos abaixo.

As interações na comunidade possibilitaram uma ação ambiental bem concreta, a produção doméstica e o fornecimento gratuito de biofertilizante e humos de minhoca, que é redistribuído aproveitando o retorno da entrega cooperada, como explica Guilherme Prado, cooperado e coordenador geral (apud KEPPLER; PRADO, 2021, p. 3):

Os consumidores conscientes mais antigos conseguiram ver a expansão do projeto e os impactos positivos. Tiveram seu processo de consciência ambiental e política aprofundado, ajudaram em vaquinhas para a mudança de endereço, sugeriram dicas para melhorar o sistema solidário e são partícipes das atividades da comunidade, como festas, eventos e celebrações, sem falar das nossas queridas Feiras de Economia Solidária. Trocam receitas, dicas de consumo para PANCs, e alguns até passaram a produzir **biofertilizante e húmus** por meio da compostagem, fornecendo ao entreposto da Rede tal produção, que passou a ser redistribuída nas cestas dos consumidores que queriam deixar suas plantas mais felizes.

Ao reconhecer que alguns membros consumidores são também produtores de bens e/ou serviços, a Coop Livres possibilita que comercializem entre si utilizando os serviços dos eco-ciclistas da rede para a entrega de suas

vendas, criando um **fluxo comercial cruzado** na rede. Assim, indiretamente, a rede viabiliza a entrega dos queijos veganos da produtora Magali, da cerveja artesanal Nosotros de São Vicente, e dos cosméticos veganos do pequeno empreendimento Bruma Cosméticos Naturais. Esse fluxo de produtos não é previsto ou formalizado, mas acontece devido à regularidade das entregas e às relações de proximidade e de confiança entre membros entregadores e membros consumidores-produtores.

Há também uma dimensão lúdica das interações na comunidade que é visível no entreposto da cooperativa, onde cooperados se encontram não apenas para trabalhar ou tratar de assuntos da rede, mas também para assistir e debater filmes, fazer minicursos de formação política, ou simplesmente aparecem para papear, ou seja, conversar sobre o que quiserem. Assim, o entreposto se torna um ponto de encontro onde ocorrem relações sociais tipicamente comunitárias, próprias de situações em que há espaço para o diálogo e para a aceitação das diferenças, onde o sentimento de pertencimento existe, pois todos são parte e partícipes da mesma comunidade.

Algumas amarrações

Entendendo que, em uma economia de mercado, as relações econômicas são puxadas ou demandadas, isto é, surgem das necessidades e encadeiam consumo, distribuição e produção, então o projeto político da construção de uma economia solidária e autogerida pode se realizar pela construção de plataformas solidárias que vinculem diretamente produtores e consumidores. No caso da Coop Livres foi o desenvolvimento da tecnologia social do Comboio Agroecológico, posteriormente informatizado, que permitiu à cooperativa equacionar o desafio central de qualquer proposta de economia solidária, qual seja: como tornar os produtos acessíveis para os consumidores sem explorar os produtores?

Chamaremos de **plataformas solidárias** às redes construídas entre pessoas e grupos de produtores e de consumidores, que arranjam cadeias de intercooperação de produção, distribuição, comercialização e consumo, ou seja, que produzam solidariedade em rede. Foi isso que a Coop Livres fez e faz ao organizar o Comboio Agroecológico. Keppler e Prado (2021, p. 3) contam o que a Rede Livres pratica e persegue:

[...] uma produção planejada democraticamente a partir das necessidades de sua comunidade, baseada no mínimo de desperdício possível, nos preços mais acessíveis possíveis para seus consumidores conscientes, junto da maior segurança econômica para os agricultores e produtores locais. Tudo isso sem impactar negativamente a natureza, e quando possível, regenerando-a, perseguindo a realocação das atividades econômicas por meio de circuitos curtos e sem explorar ninguém.

Ao realizar a substituição de atravessadores comerciais por meio de plataformas solidárias, mais do que perfurar o capitalismo ou criar micro atalhos planejados dentro da economia de mercado, o que se cria são as bases cognitivas, relacionais e tecnológicas para a construção de uma economia dos trabalhadores e de uma cultura solidária.

Trebor Scholz (2016, p. 57) argumenta que as cooperativas de plataforma constituem uma oportunidade para corrigir as falhas históricas da economia solidária: “Ser realista significa reconhecer os sucessos e falhas históricas da ‘economia solidária’. Não se pode combater desigualdade econômica com benevolência aos proprietários; juntos, nós devemos redesenhar a infraestrutura com democracia em seu núcleo duro.” “O cooperativismo de plataforma é um termo que descreve mudanças tecnológicas, culturais, políticas e sociais. O cooperativismo de plataforma é um horizonte da esperança. Não é uma utopia concreta; é uma economia emergente”. (SCHOLZ, 2016, p. 62).

Compreendemos que a atuação da Coop Livres fortalece relações duradouras de reciprocidade que surgiram de vínculos anteriores de afinidade política, de proximidade territorial e/ou de identidade social e se reafirmam em um cotidiano de atividades que aproxima consumidores, produtores, trabalhadores da sede e ecociclistas, estabelecendo uma plataforma de relações sociais e econômicas solidárias.

A aliança campo-cidade possibilitada pela Coop Livres e dinamizada pelo Comboio Agroecológico fortalece esse vínculo, essa relação duradoura de reciprocidade solidária entre produtores, entregadores, consumidores que assim se tornam uma “comunidade de destino”, ou seja, conformam uma rede solidária de confiança mútua, nos termos de André Nunes (2015, p. 16):

Comunidade de destino refere-se à possibilidade de pertencer, convivendo, a um grupo que compartilha valores, projetos e inclusive ofícios próximos. [...] Tal comunidade pode não ser aquela na qual o sujeito nasceu, mas aquela que origina uma rede solidária de confiança mútua, a partir da qual os projetos e ações singulares encontram-se atravessados pelos valores coletivos.

Também entendemos que, ao equacionar o desafio de aproximar e reunir pessoas de diferentes origens, condições e situações sociais, que sofrem de forma desigual os processos de reprodução social próprios da economia capitalista, os integrantes da rede demonstram a real possibilidade de construção de uma nova sociedade a partir de uma nova economia, solidária.

Em sua longa história o capitalismo construiu seus sistemas de reprodução ideológica, suas leis e suas instituições. Já a Economia Solidária, com suas associações e cooperativas, embora deite raízes profundas na ajuda mútua e na vida comunitária, tem uma construção institucional recente, precária e insuficiente. Por isso é injusto

apresentar ambos sistemas econômicos, um contra o outro, no mesmo patamar. (NESPOLO; ESTEVES, 2022, p.03)

Referências:

ANDRADA, C.; ESTEVES, E.; SVARTMAN, B. Experiência da vida de cooperativa: reflexões psicossociais sobre interações solidárias. **Outra Economia**. Buenos Aires, v. 3, n. 24, p. 136-151, 2020. Disponível em:

<https://revistaotraeconomia.org/index.php/otraeconomia/article/download/14879/9540/>

DUPRÉ, A.; WROBLESKI, S. Shell e Basf terão que pagar indenização milionária por contaminação em fábrica de agrotóxicos. **Reporter Brasil**. São Paulo, 08 abr. 2013.

Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2013/04/shell-e-basf-terao-que-pagar-indenizacao-milionaria-por-contaminacao-em-fabrica-de-agrotoxicos/>

FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES DO RAMO QUÍMICO DA CUT NO ESTADO DE SÃO PAULO (FETQUIM). Caso Shell/Basf: contaminação ocupacional e ambiental em Paulínia (SP). **FETQUIM**. São Paulo, 12 dez. 2017. Disponível em:

<http://fetquim.org.br/noticias/caso-shell-basf-contaminacao-ocupacional-e-ambiental-em-paulinia-sp-af2f/>

GONÇALVES, J.; MASCARENHAS, T.. **Consumo responsável em ação**: Tecendo relações solidárias entre o campo e a cidade organização. São Paulo: Kairós, 2017.

Disponível em: https://institutokairos.net/wp-content/uploads/2017/04/Consumo_Responsavel_Em_Acao.pdf

KEPPLER, D.; PRADO, G. Rede Livres: Empreendimento Econômico Solidário para além do crescimento. **Alternativas Solidárias - A revolução silenciosa**. São Paulo, v. 1, n. 5, 2021. Disponível em: <https://alternativassolidarias.com.br/2021/12/29/rede-livres-empreendimento-economico-solidario-para-alem-do-crescimento/>

LIVRES. **A Economia Solidária da Rede Livres**. Campinas: LIVRES, 2021.

Disponível em: <https://www.livres.eco.br/a-economia-solidariarede-livres/>

NESPOLO, N. I. F.; ESTEVES, E. G. Economia solidária: estratégias para incluir e transformar. **Friedrich Ebert Stiftung Brasil**. São Paulo, out., p. 1-16, 2022.

Disponível em: <http://www.fes.de/cgi-bin/gbv.cgi?id=19694&ty=pdf>

NUNES, A. P. **O estágio de atendimento nos anos iniciais**: experiência com plantão psicológico. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia), Instituto de Psicologia,

Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em:

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-29092015-173657/publico/nunes_do.pdf

SCHOLZ, T. **Cooperativismo de Plataforma**: contestando a economia de

compartilhamento corporativa. São Paulo: FRL, Elefante, 2016. Disponível em:

https://rosalux.org.br/wp-content/uploads/2021/09/cooperativismo-de-plataforma_web_simples.pdf

SINGER, P. I. Entrevista a Fábio de Oliveira e Tatiana Freitas Stockler das Neves.

Cadernos de Psicologia Social do Trabalho. São Paulo, v. 6, p. 109-111, 2003.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172003000200008

TV MOVIMENTO (TVMOV). WEB TV. **YouTube**. 1º episódio – Vozes Livres: O que é a Rede Livres? São Paulo, 09 abr. 2021. Disponível em:

<https://youtu.be/q3Fj5PGMwHI>

Submetido em: 28/02/2023

Aceito em: 03/08/2023

Org&Demo, Marília, v. 25, 2024. Fluxo contínuo

DOI: <https://doi.org/10.36311/1519-0110.2024.v25.e024003>



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License.